



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1351

## Plutarco e a Biografia De Catão,O Jovem

M<sup>a</sup> Camila Santiago Luz – UEM/LEAM

As biografias antigas possuíam uma função educacional. Seus protagonistas tinham como premissa servir de exemplo aos seus leitores, que ao lerem suas vidas, inspiravam-se ou não nas suas posturas morais e, desse modo, pautavam as suas ações baseando-se nos exemplos por elas fornecidos.

Todavia, percebemos com nossa pesquisa que esses escritos não estão desassociados do contexto político de seu autor, uma vez que neles estão presentes comentários e críticas que evidenciam sua preocupação sobre esse assunto.

Ademais, Plutarco destaca o caráter de sua personagem com o intuito de fornecer ao governante, ou futuro governante, exemplos do que fazer e como agir ou não dentro do âmbito político. Assim, as biografias plutarquianas possuem uma função pedagógica voltada para a prática política, educando o governante para administrar a comunidade de forma justa e virtuosa.

Plutarco nasceu no ano de 46 de nossa era na pequena cidade de Queroneia. De família abastada e notável em sua cidade, iniciou seus estudos em Atenas por volta de 65 d. C., onde estudou retórica, física, literatura grega e filosofia.

Durante seus estudos em filosofia entrou em contato com diversas correntes; entre estas figuravam a estoica, a epicurista e a peripatética. Contudo, foi a filosofia de Platão a que lhe mais agradou e nesta teve como professor o filósofo e general hoplita Ammonius, o qual é mencionado em diversos tratados escritos pelo autor grego.

Após completar sua formação e já tendo então adquirido a cidadania ateniense, Plutarco viajou por diversas regiões do Império Romano, como as

da Sicília, Ásia Menor e a cidade de Alexandria, onde teve uma breve instrução em medicina.

Durante o fim do principado de Vespasiano (69-79 d. C.), Plutarco realizou a primeira de suas viagens a Roma. Nessa época já era conhecido por seus contemporâneos e lá ministrou diversas conferências e aulas como professor de filosofia.

Em Roma, o escritor beócio conviveu com membros da aristocracia romana. Um deles foi Lucius Mestrius Florus (amigo do Imperador Vespasiano), cuja influência permitiu a Plutarco angariar o título de cidadão romano, adotando inclusive o nome gentílico de Florus.

Por volta de 90 d. C. o escritor grego fixou-se em Queroneia e escreveu ali a maior parte de suas obras. Contudo, ele não permaneceu enclausurado. Além de eventuais viagens pela Grécia, Plutarco, então com status de cidadão romano, exerceu diversos cargos políticos e militares importantes, sendo nomeado procurador da província da Acaia e chegando a galgar o cargo de procônsul durante o principado de Trajano.

Pouco tempo depois de se estabelecer em Queroneia, Plutarco assumiu o cargo de sacerdote laico do famoso templo de Apolo em Delfos, cargo que exerceu por mais de vinte anos, chegando inclusive a organizar os jogos píticos.

Entre os anos de 119 e 125 d. C., faleceu, deixando-nos diversas obras, dentre elas vários tratados morais, políticos e religiosos, afora os pares de biografias de homens ilustres da história grega e romana.

Marco Porcio Catão nasceu no ano de 95 a. C. e ficou conhecido como Catão de Útica, por ter sido esse o lugar de sua morte, ou Catão, o Jovem, para diferenciá-lo de seu bisavô, o também ilustre Catão, o Velho.

Sua fama por seu caráter e virtude fez com que fosse admirado e elogiado por autores como o filósofo estoico Sêneca, o escritor Valério Máximo e o poeta Lucano, que o fez seu herói em sua obra inacabada *Farsalia*.

Contudo, as obras concernentes diretamente a vida de Catão, tais como o *Catão* de Cícero, o *Anticatão* de Julio César e a biografia feita por P. Clódio Trasea Peto perderam-se, restando-nos somente a biografia escrita por Plutarco.

Entre os anos de 73 a. C. e 71 a. C., serviu como voluntário junto ao seu meio-irmão na *Guerra dos Escravos* contra o gladiador Espártaco. Em 67 a. C. foi nomeado tribuno militar e partiu à Macedônia para exercer o cargo.

No ano seguinte viajou à Ásia com o intuito de falar com o filósofo estoico Atenodoro, a quem logrou convencer ir a Roma, tendo inclusive o hospedado em sua casa.

Tornou-se questor no ano de 64 a. C. e, dessa forma, iniciou sua carreira no *cursus honorum*. Dois anos depois apresentou sua candidatura ao tribunato da plebe e foi eleito.

De acordo com Plutarco, Catão candidatou-se a esse cargo para fazer oposição a Metelo Nepote, temendo que este pudesse ajudar Pompeu Magno em seus esforços para controlar Roma.

Pelo mesmo motivo recusou-se a estabelecer uma aliança com Pompeu ao não consentir os matrimônios deste e de seu filho com suas sobrinhas.

Em 60 a. C. se opôs a César quando este, ao regressar a Roma, quis apresentar sua candidatura ao consulado, ao mesmo tempo que solicitava o triunfo.

Contudo, os esforços de Catão para evitar a candidatura de César não foram suficientes. O general romano optou por apresentar sua candidatura ao consulado em vez de realizar o triunfo e, com o apoio de Pompeu, foi eleito cônsul em 59 a. C.

Nesse mesmo ano, se opõe novamente a César quando este propôs ao senado uma lei agrária estipulando a distribuição do resto das terras públicas da Itália (com exceção da região da Campanha) à população pobre e aos veteranos de guerra.

Mais uma vez, foi vencido e a lei foi aprovada pelo senado, tendo Crasso e Pompeu votado a favor desta. Em 58 a.C., Catão foi encarregado de conquistar o reino de Chipre e dessa forma foi afastado de Roma por seus adversários políticos.

Retornou a Roma dois anos depois de ter partido para Chipre, após ter cumprido com sucesso a missão a ele designada. No ano seguinte objetou contra a eleição de Pompeu e Crasso ao consulado, mas foi voto vencido, fracassando também em seu intuito de conseguir a pretura nesse mesmo ano.

Em 54 a.C. tornou-se pretor e, em 52 a.C., diante de uma possível guerra civil devido a disputa ao consulado por Escipión, Hipseo e Milón, apoiou Pompeu para que fosse eleito cônsul único.

Em 49 a.C. iniciou-se a segunda guerra civil romana e Catão tomou parte no conflito ao lado de Pompeu contra César. O Defensor da República cometeu suicídio em Útica no ano de 46 a.C. após a derrota dos exércitos republicanos na batalha de Tapso.

Dos inúmeros tratados escritos por Plutarco, alguns foram dedicados a doutrina filosófica estoica: *Que os estoicos dizem coisas mais extravagantes que os poetas (Compendium argumenti Stoicos absurdiora poetis dicere)*, *As contradições dos estoicos (De Stoicorum repugnantis)* e *Das concepções comuns entre os estoicos (De communibus notitiis adversus Stoicos)*.

Nesses tratados Plutarco tece críticas à filosofia estoica, bem como à postura de seus seguidores. Essas críticas também estão presentes em várias passagens da biografia de Catão, o jovem, que fora seguidor da filosofia do pórtico.

A corrente filosófica estoica surgiu na *pólis* de Atenas por volta do ano 301 a.C. e teve como fundador Zenão de Cítio (336-264 a.C.). Contudo, é na Roma dos imperadores, mais precisamente durante os dois primeiros séculos da era atual, que o estoicismo florescera.

A filosofia do Pórtico, assim chamada em referência ao local no qual Zenão, seu fundador, começou a ensinar a sua filosofia, tem como característica uma ética política e moral traduzida na máxima *vivere naturae* que, literalmente, significa viver de acordo com a natureza.

Para os estoicos a natureza era identificada com a razão universal criadora e organizadora do mundo (*logos*) que se manifesta no homem sob a forma da razão humana. Desta forma, *vivere naturae* significa viver pautado pela razão. Razão essa que dentro do pensamento estoico é o mesmo que a virtude (*virtus*).

Além da premissa máxima de viver de acordo com a natureza há, dentro da corrente estoica, outros pontos importantes para a compreensão de sua filosofia aos quais se faz necessário uma breve apresentação. O primeiro desses pontos diz respeito às paixões.

As paixões, definidas pelo pórtico como movimentos irracionais da alma, foram comparadas às doenças, que em vez de danificarem o corpo físico, danificavam e enfraqueciam o espírito.

Para os estoicos não só os sentimentos maléficos e nocivos como a inveja, o ciúme e ódio eram entendidos como paixões, mas todos os sentimentos que tem sua origem no irracional.

Assim, sentimentos que julgamos benéficos como a piedade, a esperança e o amor também se constituíam para os estoicos em paixões. A piedade porque faz com que nos condoamos com a dor e o sofrimento alheios, portanto, uma dor irracional, uma vez que não a soframos de fato, a esperança, pois projetamos e ansiamos por algo que ainda não ocorreu, e o amor entendido como o desejo de captarmos a atenção e o carinho de outrem.

Logo, se as paixões, no entendimento estoico, eram movimentos irracionais e viver de acordo com a natureza significava viver de acordo com a razão, fazia-se necessário suprimi-las para alcançar-se a verdadeira sabedoria e chegar próximo ao soberano bem acessível aos sábios.

De acordo com Jean Brun (1986) “o sábio é quem vive segundo a natureza, isto é, segundo a razão; por consequência, é isento de paixão, sem orgulho sincero e piedoso.”

Por ser isento de paixão (apático), o ideal de sapiens da filosofia estoica caracteriza-se por ser inabalável. O sábio contenta-se consigo mesmo, não é escravo da fortuna, não teme a dor, os sofrimentos, nem mesmo a morte, age de forma reta e ética, não importando as circunstâncias e as consequências de seus atos.

Ademais, o sábio não deveria isolar-se e viver isolado da comunidade, voltado para si e para as suas reflexões, pelo contrário, era seu dever viver *pela e para a comunidade*, aplicando na prática os ensinamentos da Stoá, os difundindo e buscando sempre o bem comum.

Os estoicos denominavam-se cidadãos do mundo e enxergavam todos os homens como iguais, uma vez que toda a espécie humana é comum à inteligência e à razão, para eles pouco importava se esse era escravo ou estrangeiro, todos são membros de uma mesma comunidade política: o mundo.

Por ter como máxima o viver pela comunidade, a moral do pórtico possuía uma orientação centrada na atividade política. Por isso instruíam seus

seguidores a engajar-se nela, se não por meio do exercício político, ensinando e formando dentro dos ideais estoicos aqueles que tinham o poder para governar. Foi neste sentido que Sêneca tornou-se preceptor do imperador Nero.

Plutarco também entendia que o ingresso na vida política deveria ser feito objetivando o bem comum e não o interesse financeiro, a fama ou por não se ter uma atividade a qual dedicar-se, pois os que assim o fazem,

desprestigiam o exercício da política com seu arrependimento e seu enfado quando, iludidos com sua popularidade, caem na impopularidade, ou, confiando a causa de seu poder em inspirar medo aos outros se veem envolvidos em assuntos cheios de perigos e em trapalhadas. (PRAEC.GER. 798d-)

Essa ideia é explicitada na biografia de Catão em dois momentos. No primeiro, o autor, para salientar as motivações políticas de seu biografado, afirma

Na verdade, não foi por desejo de glória nem por ganância nem impensadamente e por acaso, como alguns outros, que entrou na política, mas por escolhê-la como ocupação própria de um bom cidadão, pensava que devia atender aos assuntos públicos mais do que a abelha a colmeia. (Vida de Catão, o Jovem 19.3)

No segundo, ela é reforçada quando, após ter recebido os agradecimentos de Cícero por ter feito fugir da cidade, Clódio, que havia caluniado sacerdotes, sacerdotisas e sua cunhada, Catão responde “que devia dar graças a cidade porque era por ela que realizava toda a sua atividade política.”

Contudo, se Plutarco e a corrente estoica possuíam ideias parecidas em relação ao propósito da vida política, essas divergiam no tocante a postura do governante.

Diferente do p $\acute{o}$ rtico, o autor de Queroneia acreditava que o l $\acute{i}$ der pol $\acute{i}$ tico deveria pautar suas atitudes buscando o caminho da modera $\c{c}$ o levando em conta as circunst $\acute{a}$ ncias, bem como a natureza humana.

Para ele o ideal de *sapiens* proposto pelos estoicos era imposs $\acute{i}$ vel de alcan $\c{c}$ ar, uma vez que era contr $\acute{a}$ rio ao homem, pois n $\acute{o}$  existe pessoa capaz de ser perfeitamente boa ou perfeitamente m $\acute{a}$ .

O autor be $\acute{o}$ cio entendia a virtude moral como um ponto entre dois extremos, em outras palavras, a virtude encontrava-se no balanceamento entre as qualidades boas e as qualidades m $\acute{a}$ s.

Desse modo, as paix $\tilde{o}$ es deveriam ser dominadas, contidas e submetidas a raz $\tilde{o}$ o, mas n $\acute{o}$  deveriam ser, de forma alguma, destru $\acute{i}$ das, pois eram parte integrante do homem e era por meio delas que se poderia alcan $\c{c}$ ar a virtude.

Plutarco critica assim a premissa mais importante dentro do pensamento filos $\acute{o}$ fico estoico; a apatia, para ele, n $\acute{o}$  s $\acute{o}$   $\acute{e}$  imposs $\acute{i}$ vel de ser alcan $\c{c}$ ada como tamb $\acute{e}$ m n $\acute{o}$   $\acute{e}$  desej $\acute{a}$ vel.

A impossibilidade de chegar ao estado de apatia proposto pelo estoicismo  $\acute{e}$  demonstrada tamb $\acute{e}$ m em Cat $\tilde{a}$ o. Embora o senador romano seja descrito como r $\acute{i}$ gido e intransigente em sua conduta, em alguns momentos ele deixa-se levar pelos seus sentimentos, como quando confrontado com a morte de seu irm $\tilde{a}$ o Cepi $\acute{o}$ n.

[Cat $\tilde{a}$ o] deu a impress $\tilde{a}$ o de superar o infort $\acute{u}$ nio com uma atitude mais sentimental do que pr $\acute{o}$ pria de um fil $\acute{o}$ s $\acute{o}$ fo, n $\acute{o}$  s $\acute{o}$  pelo pranto, os abra $\c{c}$ os ao cad $\acute{a}$ ver e o profundo pesar, mas tamb $\acute{e}$ m pelo gasto e os afazeres do funeral, pois queimaram com o cad $\acute{a}$ ver perfumes e vestimentas luxuosas e fez-se construir na pra $\c{c}$ a de Eno um monumento funer $\acute{a}$ rio de m $\acute{a}$ rmore lavrado em Thassos que custou oito talentos. (Vida de Cat $\tilde{a}$ o, o Jovem 11.3)

A demonstra $\c{c}$ o da dor profunda de Cat $\tilde{a}$ o diante da perda de um ente querido n $\acute{o}$   $\acute{e}$  para o autor algo que desmere $\c{c}$ a sua virtude. O magistrado romano, mesmo em sua dor, se mant $\acute{e}$ m integro e comporta-se de forma reta e digna ao recusar, de pr $\acute{i}$ ncipes e cidades, dinheiro em honra do falecido,

apenas aceitando perfumes e adornos, porém pagando o seu devido preço a quem os tinha ofertado.

O beócio inclusive defende o comportamento de seu biografado ao escrever:

Alguns condenaram esta conduta de Catão pelo contraste com sua simplicidade em todas as outras coisas, sem perceber quanta ternura e quanto carinho se incluíam em sua inflexibilidade e firmeza frente aos prazeres, aos temores e aos pedidos desavergonhados. (Vida de Catão, o Jovem 11.4)

A crítica, portanto, não é ao comportamento exagerado do político romano, pois, como afirma Swain (1990), o luto excessivo é uma paixão tal que Plutarco não a condena, mas é endereçada a certeza estoica de que as paixões poderiam ser extintas. Desta forma, o comportamento dramático do senador estoico serve como exemplo de que o ideal de apatia do pórtico é impraticável, uma vez que nem o mais virtuoso deles foi capaz de atingi-lo.

A oposição ao estoicismo também é verificada quando examinamos a origem da virtude de seu biografado. O autor as apresenta como inatas e não tutoradas e, para reforçar essas características, sublinha a dificuldade que o magistrado tinha para aprender, o descrevendo como atrasado, lerdo e obstinado. Plutarco demonstra, assim, que a educação pouco influenciou na formação do caráter de Catão.

A infância do senador romano está repleta de passagens em que este dá mostras do caráter impassível pelo qual ficou conhecido quando adulto. Em uma delas, ao ser ameaçado (sem saber que era por brincadeira) de ser atirado pela janela por um amigo de seu tio, permanece inabalado e impávido, mesmo estando com quatro anos de idade. Ao relatar essas anedotas, o autor beócio evita atribuir as virtudes de Catão a uma influência estoica e as expõem como inerentes ao magistrado.

Porém, se as virtudes do senador romano não possuíam relação com sua formação estoica, o mesmo não ocorre com os seus equívocos políticos, que são constantemente relacionados a sua influência filosófica.

A grande crítica do autor contra o estoicismo reflete-se na inabilidade de Catão de lidar com o jogo político do final da República, por perseguir “o tipo de bem que é rígido no referente a justiça e não cede a indulgência e ao favor.” (Vida de Catão, o Jovem 4.2)

Para Plutarco o governante que se mostra

demasiado restrito e rigoroso no todo e não realiza nenhuma concessão nem transige em nada, mas que é sempre brusco e inexorável, acostuma o povo a apresentar-lhe oposição e obstinada resistência. (PRAEC.

A intransigência e a rigidez dos valores estoicos são constantemente reprovadas na *Vida* de Catão. A tal ponto que Plutarco as acusa de terem sido as causadoras do fim da república, tendo em vista que o magistrado romano recusou-se a estabelecer uma aliança com Pompeu por acreditar que esta mancharia sua virtude.

A postura estoica no tocante a virtude é, para o autor, um problema para o exercício político, pois implica negociações e trocas de favores, e o governante tem de estar apto a fazê-las se isso for levar ao bem comum. Catão, ao se preocupar com sua moral, não só deixa de evitar o colapso da república, como a precipita, fazendo com que Pompeu alie-se a César.

O suicídio do magistrado romano também é criticado por Plutarco. Os filósofos do pórtico entendiam a prática suicida como uma saída honrosa da vida e não a condenavam se o motivo fosse escapar de uma vida indigna.

Catão suicida-se, pois acreditava ignominioso viver sob o jugo de César, que tentava tomar o poder para si. Contudo, Plutarco classifica sua morte como desnecessária e mais uma vez critica as premissas estoicas.

Para o autor, o magistrado romano “se houvesse consentido em deixar sua salvação nas mãos de César não haveria rebaixado a sua fama tanto quanto haveria enaltecido a daquele.” (Vida de Catão, o Jovem 72.3)

A *Vida* de Catão constitui-se em um exemplo de como o estoicismo pode ser perigoso quando atrelado ao poder. As posturas estoicas severas no tocante a virtude são responsáveis pela má interpretação do senador do jogo

político, ao mesmo tempo em que despertam mais inimizades do que amizades com sua conduta virtuosa extremada.

### **Bibliografia:**

AALDERS, G. J. D. **Plutarch's Political Thought**. Amsterdam, Oxford, New York: North-Holland Publishing Company, 1982.

BORGES, V.P. **Grandezas e Misérias da Biografia**. In:\_. Pinsky, C.B (org). Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BRUN, J. **O Estoicismo**. Lisboa: Edições 70, 1986

FLACELIÈRE, R. IRIGON, J. **Introduction générale**. In: *Plutarque: Ouvres Morales, tome I, 1re partie*, Paris: Belles Letres, 1987

PLUTARCO. **Vidas Paralelas, vol VIII**. Introducciones, traducción y notas de Carlos Alcalde Martín y Marta Gonzálrs Gonzáles.Madrid: Editorial Gredos,2010

RAALTE, M. V., **More philosophico: Political Virtue and Philosophy in Plutarch's Lives**, in: L. de Blois (e.a., eds.), *The Statesman in Plutarch's Greek and Roman Lives*, Leiden: Brill Vol. II, 2005.

MACKAY, Christopher, S. **El declive da la república romana: De la oligarquía al Imperio**. Barcelona: Editorial planeta, 2011.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco Historiador: Análise das biografias espartanas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

SWAIN.S. **Plutarch's Lives of Cicero, Cato, and Brutus**, *Hermes*, 118, 2, 1990, pp.192-203

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **O Estoicismo Romano Sêneca Epicteto Marco Aurélio**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.